

LENDAS APOSTÓLICAS PENINSULARES

As origens do Cristianismo na Hispânia não foram problema que preocupasse os nossos mais antigos escritores eclesiásticos, isto é, os que poderiam recolher com maior pureza as tradições primitivas. Nem os historiadores da época romana, como Paulo Orósio e Idácio, nem os da visigótica, como João de Biclara e Santo Isidoro, se referiram aos trabalhos de evangelização da Península ou à organização das primeiras cristandades.

Tal silêncio contrasta singularmente com a abundância de pormenores que, mais tarde, se vieram a divulgar. E estes, embora não provenham de documentos antigos que só então se descobrissem, reclamam-se de uma tradição que prende nos próprios tempos apostólicos.

As igrejas mais favorecidas com a floração tardia dos seus primitivos fastos fizeram-nos acreditar a toda a Igreja hispânica que, por sua vez, desejou integrá-los na história da Igreja universal. Tempo houve em que se receava tocar nesse depósito de tradições já seculares e consagradas em textos litúrgicos. Os historiadores não se atreviam a classificá-las de lendas, antes procuravam salvá-las por um ténue fio de verosimilhança, incriminando às vezes a inclemência dos tempos ou a incúria dos homens, que deixaram perder preciosos documentos que deviam ter existido.

A crítica histórica ainda não conseguiu dissipar por completo semelhante estado de espírito. No entanto, ela já avançou o bastante para podermos marcar, com certa segurança, as épocas em que começaram a elaborar-se as referidas tradições.

I

A VIAGEM DE S. PAULO

Nos escritos do Novo Testamento, a Hispânia só aparece mencionada no conhecido texto em que S. Paulo manifesta o propósito de a visitar. Estando ele em Corinto pelo mês de Fevereiro do ano 58, escrevia estas palavras em Carta aos Romanos: «Quando me dirigir à Hispânia, espero ver-vos de passagem, e ser até lá encaminhado por vós, depois de gozar por algum tempo da vossa companhia». Comunicava-lhes a seguir a sua próxima ida a Jerusalém e reafirmava: «Depois de cumprido isto... dirigir-me-ei, por vós, à Hispânia»⁽¹⁾.

Esta viagem não passou então de projecto. Indo a Jerusalém, o Apóstolo foi preso e, depois de alguns incidentes, mandado para Roma, onde chegou na primavera do ano 61. Deixado em liberdade cerca do mês de Abril de 63, podia em seguida ter vindo à Península. Mas viria?

Os textos mais próximos que se têm aduzido como prova afirmativa, provêm de uma Carta de S. Clemente Romano e do chamado Cãnone de Muratori. Sujeitou-os a uma exegese quase exhaustiva o P.^o Zacarias Garcia Villada⁽²⁾.

S. Clemente foi um dos imediatos sucessores de S. Pedro no sumo pontificado. Escrevendo aos fiéis de Corinto cerca do ano de 96, enaltecia os exemplos dos apóstolos Pedro e Paulo e afirmava deste último que ele se fez «pregoeiro do Evangelho no Oriente e no Ocidente», e que, «tendo ensinado a justiça a todo o mundo e tendo vindo (ou ido) até o termo do Ocidente e dado testemunho em presença dos chefes, assim saiu do mundo e foi levado até o lugar santo»⁽³⁾.

Toda a carta é escrita em estilo enfático, que não permite atribuir precisão absoluta ao pormenor geográfico. Na sua análise, García Villada sobrevaloriza a expressão «termo do Ociden-

(1) *Cum in Hispaniam proficisci cœpero, spero quod præteriens videam vos, et a vobis deducar illuc, si vobis primum ex parte fructus fuero*. «Hoc igitur cum consummavero, ... per vos proficiscar in Hispaniam» (Ad Rom., XV, 24 e 28).

(2) *Historia Eclesiástica de España*, tomo I, 1.^a parte (Madrid, 1929), pág. 118 e seg.

(3) *Enchiridion Fontium Historiae Ecclesiasticae Antiquae*, de Conradus Kirch, 5.^a ed., pág. 10: texto grego e versão latina.

te» que, em seu entender, só pode aplicar-se à Espanha. Insistindo no argumento, forçaríamos o Apóstolo a vir até o Cabo de S. Vicente, porque para os geógrafos do primeiro século «o ponto mais ocidental, não só da Europa, mas de toda a terra habitada», era o Promontório Sacro ⁽⁴⁾.

O Fragmento Muratoriano diz o seguinte, no ponto que nos interessa: «Os Actos de todos os Apóstolos estão escritos em um livro. Lucas conta ao ótimo Teófilo coisas que se passavam em sua presença, como evidentemente o mostra a exclusão da paixão de Pedro e bem assim a da saída de Paulo ao partir da cidade para a Hispânia» ⁽⁵⁾. Este texto foi escrito cerca do ano 200. Diz que S. Lucas só narra o que presenciou e, por isso, omite dois acontecimentos: o martírio de S. Pedro e a viagem de S. Paulo. É indubitável que, no pensamento do autor, se tratava de dois factos igualmente históricos e talvez coevos. Como, porém, já havia decorrido mais de um século, resta saber se, quanto a S. Paulo, ele se baseia em memória autêntica ou traduz numa simples convicção influenciada pelo que o Apóstolo tinha escrito na Epístola aos Romanos.

Do século IV em diante, os testemunhos dos Padres da Igreja acerca da viagem de S. Paulo são cada vez mais afirmativos, embora não possuam mais valor como prova histórica. É notável, todavia, que eles não encontrem eco em escritores peninsulares. Nenhuma igreja refere a sua fundação ao Apóstolo ⁽⁶⁾. Se em Roma existia a tradição de que ele saiu, aqui não ficou reminiscência de que tivesse chegado, nem na Liturgia, nem sequer na lenda. Não pode, por isso, estabelecer-se relação segura entre as origens do Cristianismo na Hispânia e uma missão especial de S. Paulo.

(4) Estrabão, *Geographica*, liv. III, cap. I, 4.

(5) «Acta autem omnium apostolorum sub uno libro scripta sunt. Lucas optimo Theophilo comprehendit, quae sub praesentia eius singula gerebantur, sicut et semota passione Petri evidenter declarat, sed et projectione Pauli ab urbe ad Spaniam proficiscentis» (*Enchiridion* cit., pág. 96).

(6) No séc. X, os menolócios gregos e Metafraste inseriram, respectivamente a 23 de Setembro e 29 de Junho, a notícia de que S. Paulo converteu em Espanha duas irmãs, chamadas Xantipa e Polixena. Além de não serem concordes nem verosímeis, essas fontes tardias não indicam o lugar onde teria estado o Apóstolo (Flórez, *España Sagrada*, III, pág. 11 e apênd. n.º VIII; Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 1.ª p., pág. 143).

II

OS VARÕES APOSTÓLICOS

Decorrem séculos em que a Igreja hispânica chega a alcançar excepcional esplendor. Lembremos especialmente a época visigótica com a sua desenvolvida organização eclesiástica, os seus concílios, a sua liturgia, os seus escritores. Pois é só depois deste período de intensa cultura intelectual, quando a maior parte da Península se encontra sob o domínio muçulmano, que surge uma notícia bastante circunstanciada acerca das origens cristãs, sem qualquer alusão à viagem de S. Paulo. Ficam então a saber-se os nomes das primeiras sés e dos primeiros bispos e como estes vieram de Roma para a Hispânia. Têm eles andado na História peninsular com a designação de *Varões Apostólicos*.

O Martirológio Lionês, redigido cerca do ano de 806 e publicado modernamente por Dom Henri Quentin ⁽⁷⁾, apresenta a seguinte versão da sua lenda:

Os santos confessores Torquato, Tisefonte, Secundo, Indalécio, Cecílio, Esício e Eufrásio foram ordenados bispos em Roma pelos santos Apóstolos e enviados a pregar a palavra de Deus às Hispânias, então ainda imersas no paganismo. Ao aproximarem-se de Acci (Guadis), quedaram-se um pouco a repousar da fadiga da jornada e mandaram alguns discípulos à cidade comprar mantimentos. Grande multidão de pagãos que então celebrava uma festa dos deuses perseguiu-os até o rio sobre o qual se erguia uma ponte muito grande e bem firme. Passaram os santos para a outra margem, e logo, por disposição divina, a ponte ruiu, arrastando consigo toda a multidão dos perseguidores. À vista de tal milagre, aquelas gentes ficaram aterradas e, a exemplo duma nobre matrona, a senadora Lupária, que por divina inspiração os acolheu benignamente, deixaram os ídolos e acreditaram em Cristo. Depois disso, os santos evangelizaram diversas cidades e converteram inúmeras multidões até acabarem os seus dias: Torquato em Acci, Tisefonte em Vergi, Secundo em Abula, Indalécio em Urci, Cecílio em Eliberri, Esício em Carcesa e Eufrásio em Eliturgi.

García Villada entende que é esta «a fonte mais antiga e

(7) *Les Martyrologes Historiques du Moyen Age*, 2.^a ed., pág. 192; Paris, 1908.

pura» que hoje possuímos sobre os Varões Apostólicos, e que, segundo todas as probabilidades, ela deriva imediatamente de um original perdido. Nenhuma das outras fontes narrativas, que ele examina detidamente, se afigura anterior ao século X.

Pareceu-lhe, no entanto, que era possível colher notícia ainda anterior à do Martirológio Lionês, através dos Calendários moçárabes, publicados por Dom Marius Férotin, e do Martirológio Escorialense, dado à luz por Plenkers. Reunidos e estudados todos esses elementos, chegava às seguintes conclusões:

— A tradição dos Varões Apostólicos, «nas suas linhas gerais, é autêntica e assenta em sólidos fundamentos». «Abundam os testemunhos antigos que no-la transmitiram, e são de remota ascendência, pois alcançam o século V» ⁽⁸⁾.

Convencidos pela argumentação de García Villada, os historiadores espanhóis dispunham-se a aceitar como «certa na sua essência» a lenda dos Varões Apostólicos, afirmando que «la noticia arranca de la época misma de los hechos, aunque se contenga en documentos posteriores» ⁽⁹⁾.

Em estudos mais recentes, porém, o Dr. José Vives veio demonstrar que «é infundada a teoria de Férotin e muito mais a consequência que com tanto empenho quis tirar dela García Villada ao fazer remontar nada menos que ao século V ou VI o culto dos referidos santos». Os Calendários chamados moçárabes e o Martirológio do Escorial não têm a antiguidade que se lhes atribuíra. O único livro litúrgico do tempo visigótico, o *Libellus Orationum* de Tarragona (séc. VIII), não dedica nenhuma oração a S. Torquato e seus companheiros. Não os cita o Calendário epigráfico de Carmona (séc. VI-VII). Os seus nomes não aparecem nas outras inscrições visigóticas, em que se mencionam tantas relíquias de santos, até de longínquos países. Enfim, não se compreende que eles sejam todos comemorados no 1.º de Maio: se padeceram pela fé, é pouco crível que fossem martirizados no mesmo dia; se foram simples confessores, memorados nos dípticos das respectivas igrejas, menos se entende que tenham no mesmo dia a sua festa.

Afirma José Vives que «a narração primitiva admitida ofi-

(8) *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 1.ª p., 168.

(9) Manuel Torres, *La Iglesia en la España Romana*, na «*Historia de España*», dirigida por R. Menéndez Pidal, tomo II, pág. 450.

cialmente nos passionários ou leccionários visigóticos ou moçárabes de todas as épocas» é precisamente um texto já em parte editado por Flórez e que pareceu mais que suspeito a García Villada. A recensão do Martirológio Lionês, em vez de reflectir uma narrativa original mais antiga e mais sóbria, não passaria de extracto premeditadamente resumido desse mesmo texto a que Villada chama «Vida Lata» ⁽¹⁰⁾.

Não há Actas anteriores. E estas devem ser «criação de um hagiógrafo moçárabe, fugido talvez da Bética para o Norte no século VIII tão fecundo na produção desta espécie de textos literários». Podem, elas, no entanto, possuir um fundo de verdade: «nada se opõe a que os santos varões, todos ou ao menos alguns, fossem bispos de tempos remotos, os primeiros das sés mencionadas pela lenda» ⁽¹¹⁾.

Assim se esvanece a tradição dos Varões Apostólicos, na qual chegou a depositar-se alguma confiança. A simples crítica interna devia ter bastado para a eliminar. Além de já a tornar suspeita o número de sete, vulgar em outras lendas, contém ela vários pormenores nitidamente imaginosos: a ordenação dos bispos em Roma pelos «santos Apóstolos», a sua vinda em grupo até Acci, o milagre da ponte, a intervenção da «senadora» Lupária, a atribuição tão exacta de uma cidade a cada nome...

Estamos em presença do primeiro escalão do ciclo de lendas com que tentou explicar-se a implantação do Cristianismo na Hispânia. Elaborado sete séculos depois da época a que pretende reportar-se, não tem a mínima probabilidade de incorporar vestígios de uma autêntica tradição primitiva. Serve, no entanto, de contraprova às lendas de S. Tiago. Se estas já então estivessem divulgadas, não se estabeleceria a ligação da hierarquia peninsular com os apóstolos S. Pedro e S. Paulo, no período em que estes residiam em Roma.

(10) Edição de Flórez, E. S., III, apênd. II, pág. XX-XXIV; ed. de J. Vives, «*Analecta Sacra Tarraconensia*», vol. XX, adiante cit.

(11) Utilizámos os seguintes estudos de J. Vives: *Santoral visigodo en calendarios e inscripciones*, em «*Analecta Sacra Tarraconensia*», vol. XIV (1941), 31-58; *La «Vita Torquati et Comitum»*, em «*Anal. Sac. Tarrac.*», vol. XX (1947), 223-230; *Hagiografia crítica*, em «*Hispania Sacra*», vol. I (1948), 236-238; *Las actas de los Varones Apostólicos*, em «*Miscellanea liturgica in honorem L. Cuniberti Mohlberg*», tomo I (Roma, 1948), 34-45. — Cf. Ángel Fábrega Grau, *Pasionario Hispanico*, tomo I (Madrid-Barcelona, 1953), 125-130.

III

S. TIAGO MAIOR

A tradição de que o apóstolo S. Tiago Maior evangelizou a Hispânia e está sepultado em Compostela desentranhou-se, como é sabido, em vastíssima literatura. Só importa hoje tomar em consideração estudos que sejam de verdadeira investigação histórica, como os de Mons. Duchesne, García Villada e Pierre David.

O trabalho de Duchesne ⁽¹²⁾, rompendo abertamente com as tradições peninsulares e compostelanas, provocou violentas contraditas, mas pode dizer-se que ninguém ainda conseguiu refutá-lo. O de García Villada ⁽¹³⁾ tem o mérito de recolher e seriar todos os textos conhecidos; todavia, o autor, como observa o Prof. Manuel Torres, «embora mais inclinado à negativa, deixa tudo em duvidosa penumbra apesar de haver na sua argumentação momentos categóricos» ⁽¹⁴⁾. Pierre David estudou especialmente o «Liber Calixtinus» e extrai dos textos as devidas conclusões, com a maior objectividade e serenidade crítica ⁽¹⁵⁾.

Ponderados todos os argumentos, raros serão os historiadores, mesmo espanhóis, que hoje prestem crédito às lendas jacobitas. Vejamos, porém, rapidamente como elas se formaram e desenvolveram.

A — Lenda da pregação

Contam os *Actos dos Apóstolos* que Tiago, irmão de João, morreu à espada em Jerusalém, na perseguição desencadeada contra os chefes da Igreja por Herodes Agripa ⁽¹⁶⁾. Segundo a mais apurada cronologia, o seu martírio ocorreu no ano de 42 — o que desde logo torna inverosímil qualquer missão do Apóstolo fora da Palestina.

(12) *Saint Jacques de Galice*, Toulouse, 1900, separata de «Annales du Midi».

(13) *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 1.^a p., 26-104.

(14) *Hist. de España*, dirigida por R. Menéndez Pidal, II, 477.

(15) *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte II*, em «Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal», tomos X-XIII; v. especialmente este último (Coimbra, 1949), pág. 62-85.

(16) *Act.*, XII, 1-2.

Até ao século VII, não há em toda a literatura eclesiástica, quer do Oriente quer do Ocidente, a mínima alusão ao seu apostolado na Hispânia. Entre os séculos V e VI, apareceram na Igreja greco-bizantina uns *Catálogos Apostólicos* que, embora lendários, reflectem as crenças desse tempo. Na redacção grega, referem apenas a pregação de S. Tiago às Doze Tribos da Dispersão. Passando ao Ocidente no século VII, introduziu-se-lhes na versão latina, conhecida por *Breviarium Apostolorum*, a seguinte notícia: «Tiago, filho de Zebedeu, irmão de João, pregou na Hispânia e lugares ocidentais, morreu à espada em tempo de Herodes e foi sepultado em Acaia Marmárica a 25 de Julho» (17).

Que crédito poderá merecer esta informação tardia e anónima? A verdade é que ela não demorou a passar à Inglaterra. Ao compor umas inscrições métricas para altares erigidos em honra dos doze Apóstolos, Aldhelm, que foi abade do mosteiro de Malmesbury desde 675 e faleceu sendo bispo de Sherborne em 709, incluiu estas palavras na legenda de S. Tiago: «Foi o primeiro que converteu à fé os povos hispânicos» (18).

Em Espanha, não existia por esse tempo semelhante tradição. No ano de 686, compunha S. Julião de Toledo uma das suas obras em que parece ter tido presente o *Breviarium Apostolorum*. Pois, ao ocupar-se de S. Tiago, em vez de aproveitar essa notícia tão honrosa para a sua pátria, apresenta-o exclusivamente a pregar em Jerusalém. Isto equivale, segundo Mons. Duchesne, ao repúdio e condenação da informação estrangeira, por pessoa tão autorizada como era o bispo de Toledo.

A esta conclusão opõem alguns o testemunho de Santo Isidoro de Sevilha († 636), na obra *De ortu et obitu Patrum*. Concordam, porém, os críticos em rejeitar a autenticidade deste trabalho, especialmente na parte que se refere a personagens do Novo Testamento. Além disso, ainda que o texto fosse de Santo Isidoro, estava longe de provar uma tradição da Igreja peninsular, pois a sua fonte é o mesmo *Breviarium Apostolorum* (19).

Decorre, entretanto, um século em que a Espanha sofre a ocupação muçulmana e se travam as primeiras lutas da Recon-

(17) «*Jacobus, ... filius Zebedaei, frater Johannis. Hic Spaniae et occidentalia loca praedicat, et sub Herode gladio caesus occubuit, sepultusque est in Achaia marmarica VIII Kal. Augusti*».

(18) «*Primitus hispanas convertit dogmate gentes*».

(19) Textos em Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 62, notas 2 e 3.

quista e se ergue o pequenino reino das Astúrias. Perdido entre as montanhas do Norte, escapou aos ataques dos infiéis o mosteiro de Liébana que, pelo ano de 785, era governado por S. Beato, erudito monge cuja cultura teológica e patrística ficou demonstrada na refutação da heresia adopcionista e sobretudo num comentário ao Apocalipse que se divulgou em numerosas cópias e adquiriu grande celebridade. Neste comentário, no prólogo do livro 2.º, o abade de Liébana, ao falar das missões assumidas pelos Apóstolos, registou a atribuição da Hispânia a S. Tiago, como a da Índia a S. Tomé e a da Gália a S. Filipe⁽²⁰⁾.

É esta a primeira vez que, sem discrepância de pareceres, tal notícia fica admitida em obra de um escritor hispânico. Todavia, o texto de S. Beato não reflecte uma tradição local. Reproduz informações colhidas em escritos não peninsulares, por exemplo, num comentário à profecia de Nahum, falsamente atribuído a S. Julião de Toledo⁽²¹⁾. A ligação da Hispânia com S. Tiago é tão certa como a da Gália com S. Filipe, que ninguém em França quis aproveitar.

Na sua redacção primitiva, a Missa e Ofício da Liturgia hispânica são omissos a respeito da pregação do Apóstolo. Há, porém, um hino acróstico que depois passou ao ofício de Vésperas e que costuma apresentar-se como novo argumento da tradição. A leitura do acróstico situa a composição no tempo do rei asturiano Mauregato (783-789). O exame do texto mostra que ele, na parte objectiva, não passa de transposição poética das missões registadas pelo abade de Liébana, pondo apenas em maior relevo a figura de S. Tiago a quem invoca a favor do clero e povo hispânicos, como seu chefe, defensor e patrono. Pela data da composição e paralelismo do texto, é lícito atribuir ao mesmo S. Beato esse poema litúrgico que, assim, deixa de constituir um testemunho novo e independente⁽²²⁾.

A tradição hispânica da pregação de S. Tiago, longe de se basear numa série ininterrupta de provas deduzida desde os primeiros séculos, reduz-se, portanto, àquela única informação anó-

(20) «*Singuli ad praedicandum in mundo sortes proprias acceperunt: Petrus Romanam, Andreas Achajam, Thomas Indiam, Jacobus Hispaniam, ...Philippus Gallias, etc.*» (E. S., III, pág. 112).

(21) Cf. *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 65, nota 1.

(22) Texto em E. S., III, 96; J. Pérez de Urbel, *Orígenes del Culto de Santiago en España*, em «*Hispania Sacra*», V (1952), 29-31.

nima introduzida no século VII no *Breviarium Apostolorum*, repetida aqui ou além com pequenas variantes e só admitida por um escritor peninsular no fim do séc. VIII ⁽²³⁾.

B — Lenda do túmulo

Num período que não deve ser posterior aos anos de 825-830, segundo pensa Pierre David, estabeleceu-se a crença de que o túmulo de S. Tiago se encontrava na Galiza, num lugar a que desde meados do século XI se dá o nome de Compostela. Sobre ele se ergueram as sucessivas igrejas dedicadas ao Apóstolo.

Os relatos medievais dizem que foi Teodomiro, bispo de Iria, quem descobriu um sepulcro abandonado e nele o corpo de S. Tiago. Investigações arqueológicas feitas no templo actual revelaram efectivamente a existência de um monumento funerário hispano-romano, talvez do século IV ou V, com um ou mesmo três sarcófagos de mármore. Não se encontraram, porém, elementos que permitam qualquer identificação ⁽²⁴⁾. Como os contemporâneos não referem as circunstâncias do descobrimento nem as razões em que se basearam para o atribuírem a S. Tiago, os historiadores têm de se limitar a simples conjecturas, mais ou menos verosímeis ⁽²⁵⁾.

Os já mencionados Catálogos bizantinos colocam o túmulo de S. Tiago, uns em Jerusalém, outros em Cesareia da Palestina, outros na cidade de Marmárica. Entretanto, num manuscrito gre-

(23) Não nos referimos à tradição da Virgem do Pilar, porque não há hoje historiador que a discuta a sério.

(24) Sobre os achados mais recentes, v.: M. Chamoso Lamas, *Noticia de las excavaciones arqueológicas que se realizan en la Catedral de Santiago*, em «Compostellanum», vol. I, n.º 2.º (Abril-Junho 1956), pág. 5-32. Segundo este investigador, os elementos até agora reunidos permitem concluir: «Un monumento sepulcral pagano... debió ser el descubierto por el Obispo Teodomiro».

(25) «La opinión insinuada veladamente por Duchesne (*St. Jacques en Galice*, p. 19), de que los sepulcros pertencieran a Prisciliano y sus dos compañeros, Felicísimo y Armenio, ejecutados en Tréveris el año 385, no descansa sobre prueba ninguna» (Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 98, n. 1). Conta Sulpício Severo que os corpos dos supliciados de Tréveros foram trasladados para Espanha e que Prisciliano foi venerado como mártir: «Namque sectatores ejus, qui eum prius ut Sanctum honoraverant, postea ut martyrem colere coeperunt. Peremptorum corpora ad Hispanias relata, magnisque obsequiis celebrata eorum funera» (Cf. *E. S.*, XIV, pág. 375). Os partidários da seita chegaram a incluir o nome do seu chefe no Cântico da Missa. Estes excessos verificaram-se especialmente na Galiza, onde o priscilianismo subsistiu, pelo menos, até ao concílio bracarense de 561. Entre os priscilianistas tiveram grande voga diversos livros apócrifos, em que se referiam actos e memórias dos Apóstolos. Todavia, nunca eles se abonaram com S. Tiago, nem os seus adversários, ao refutá-los, evocaram a pregação deste Apóstolo na Hispânia ou a presença das suas relíquias na Galiza.

go, em vez de «en pólei tès Marmarichès», lê-se: «en áche tès Marmarichès». Desta expressão provieram as variantes dos diversos manuscritos do *Breviarium Apostolorum*: Se nuns se lê *in Achaia Marmarica*, noutros aparece *in Archi Marmarica*, *in Azi Marmarica* ou *in Archis Marmaricis*...

Conhecida na Galiza esta última variante, deu-se-lhe mais um pequenino jeito, para a adaptar ao suposto monumento funerário do Apóstolo. Desde os fins do século IX, o local é chamado em vários documentos *S. Jacobi in arcis* ou *sub arcis marmoricis*.

Seria o túmulo já anteriormente conhecido por *Arca marmorea*, ou seria o texto dos catálogos apostólicos que lhe fez dar esse nome? Como quer que fosse, aí está como o *in Achaia Marmarica* veio a parar no *in arcis marmoricis* e se promoveu uma trasladação, não das relíquias, mas da localização, já inicialmente lendária, do túmulo de S. Tiago.

A crença local não tardou a desabrochar em fervoroso culto.

Numa das últimas recensões do Martirológio de Floro, que Pierre David data de 850 a 860, aparece já esta menção da trasladação de S. Tiago: «Huius beatissimi apostoli sacra ossa ad Hispanias translata, et in ultimis earum finibus, videlicet contra mare Britannicum, condita, celeberrima illarum gentium veneratione excoluntur»⁽²⁶⁾.

O culto foi depois irradiando pela Europa cristã, até despertar aquele extraordinário movimento de peregrinações que colocou Compostela a par com Roma e Jerusalém. Em 1095, o papa Urbano II transferiu para Compostela a dignidade episcopal da antiga Iria. E os bispos, especialmente Diogo Gelmires, não deixaram de tirar todas as consequências possíveis da boa sorte de ocuparem uma «sé apostólica»⁽²⁷⁾.

C — Lenda da trasladação

Firmada a convicção de que se encontrava na Galiza o túmulo de S. Tiago, era natural que se procurasse explicação para um caso tão extraordinário e absolutamente desconhecido duran-

(26) Dom H. Quentin, *Les Martyrologes Hist. du Moyen Age*, pág. 372.

(27) Em 1049 o papa Leão IX proibiu o bispo Crescónio, sob pena de excomunhão, de se intitular «bispo da sé apostólica». Todavia, o prelado continuou a usar esse título. Cf. A. Gordon Biggs, *Diego Gelmirez* (Washington, 1949), pág. 15; P. Ricardo García Villoslada, *Historia de la Iglesia Católica* (ed. da B. A. C.), tomo II (Madrid, 1953), pág. 497 e seg.

te longos séculos. Começou então a elaborar-se a lenda da trasladação.

Nenhum dos textos conhecidos parece anterior ao século X. Todos se inspiram mais ou menos na lenda dos Sete Varões Apostólicos, dando, porém, especial relevo à figura da matrona Lupária, senhora das terras da Galiza onde as relíquias foram depositadas. Tendo analisado detidamente as várias versões, Garcia Villada e Pierre David, embora divergindo quanto à data e mútua dependência dos textos, chegam aproximadamente à mesma conclusão ⁽²⁸⁾.

Segundo autorizados pareceres, o mais antigo relato da trasladação seria o que se encontra num manuscrito do mosteiro de Fleury, publicado em 1605 por João de Bosco, que o atribuiu ao século X. Exclui formalmente a pregação do Apóstolo na Hispânia. São os Sete Evangelizadores, sagrados bispos na Palestina, quem resolve trazer consigo as relíquias de S. Tiago, decapitado antes da dispersão dos apóstolos e sepultado em Jerusalém. Sem piloto nem remos, o barco chega em sete dias ao porto de Brívio na Galiza. O corpo do santo eleva-se até ao centro do céu, dirige-se para leste como um meteoro luminoso e vai pousar nos domínios de Lupária. Os discípulos pedem a esta dama um terreno para sepultura do Apóstolo. Ela recusa, mas acaba por se converter depois de fantásticos prodígios que eles operam. Recolhidas, enfim, as sagradas relíquias em túmulo de mármore, os Sete Evangelizadores vão ocupar as suas sés na região de Granada.

Outro relato, mais breve e bastante diferente, encontra-se num manuscrito do século XII, proveniente do mosteiro de Gembloux. Exclui igualmente a pregação na Hispânia. São discípulos do próprio S. Tiago quem traslada as suas relíquias. E há três que ficam na Galiza e são sepultados junto do mestre: Torcato, Ctesifonte e Anastásio ⁽²⁹⁾.

Um terceiro relato aparece em forma de carta atribuída ao Papa Leão, da qual se conhecem três redacções diferentes. A mais antiga, inserta num manuscrito procedente de S. Marçal de Limoges, datam-na alguns do século X ou de fins do século IX, mas Pierre David julga-a um pouco mais recente. Trata-se de um

(28) Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 1.^a p., pág. 85-91 e 374; P. David, «*Bulletin des Études Portugaises*», XIII, pág. 71 e seg.

(29) Este nome é novo na lista e apresenta noutros textos a variante de Atanásio.

documento nitidamente apócrifo, corrigido e melhorado em estilo nas sucessivas redacções, para se tornar mais aceitável ⁽³⁰⁾. De notar é que também omite a pregação de S. Tiago na Hispânia.

Vêm depois os textos do século XII insertos do *Liber Calixtinus*, proficientemente estudado por Pierre David. A sua versão é notavelmente diversa das anteriores. S. Tiago veio pregar o Evangelho à Hispânia, e os Sete Varões faziam parte dos discípulos que ele aqui recrutou e que o acompanharam no regresso à Palestina. São nove os discípulos que, depois do martírio do Apóstolo, conduzem o seu corpo à praia e chegam em sete dias ao porto de Iria. Figura também a matrona Lupária, convertida à força de prodígios. Depositado o corpo num sepulcro novo, ficam junto dele dois discípulos, que noutro lugar se chamam Atanásio e Teodoro e que virão a ser enterrados junto do mestre. Os outros sete partem para Roma a informar os apóstolos Pedro e Paulo, recebem lá a sagração episcopal e voltam para a Espanha: são os Sete Evangelizadores.

Estas versões recebem um último retoque, antes dos meados do século XII, nas interpolações introduzidas por Pelágio de Oviedo no *Chronicon* de Sampiro. Os sete discípulos de S. Tiago deixam de ter os mesmos nomes que os Varões Apostólicos e passam a chamar-se: Calócero, Basílio, Pio, Crisógono, Teodoro, Anastásio e Máximo ⁽³¹⁾.

Dir-se-ia que o autor dos primeiros capítulos da *História Compostelana*, escrita em princípios do século XII, já previu as seguintes objecções, que não requerem apurado senso crítico: — Como é que um facto tão notável como a sepultura do Apóstolo na Galiza ficou ignorado durante tantos séculos? E que razões houve para identificar com o de S. Tiago um túmulo só descoberto no século IX?

Depois de apresentar breve relato da trasladação das relíquias, baseado na carta apócrifa do Papa Leão, atribuiu ele todas as culpas do esquecimento ao furor das perseguições e à tirania dos pagãos que extinguiram na Galiza a religião cristã. Assim

(30) Crítica em Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, I, 1.^a p., pág. 87 e seg.; doc. *ibid.*, pág. 368 e seg.

(31) *Esp. Sagrada*, XIV, 457.

aconteceu que, nem antes da invasão sarracena nem muito tempo depois de restaurado nessa região o culto católico, os fiéis suspeitassem que possuíam tal tesouro, escondido na espessura da selva. Aconteceu, porém, que, sendo Teodomiro bispo de Iria, pessoas de grande autoridade lhe foram dizer que muitas vezes viram de noite luzes acesas e anjos que apareciam acima do bosque onde se encontrava o sepulcro do Apóstolo. Inspirado pela graça divina, o bispo correu ao local e viu também as luzes e encontrou o túmulo de mármore. Comunicado imediatamente o valioso achado ao rei D. Afonso o Casto, acudiu por sua vez o monarca e «restaurou» a igreja do Apóstolo e mudou a residência episcopal (*episcopium*) de Iria «para este lugar que se chama Compostela»⁽³²⁾.

Fiquemo-nos com esta explicação, ainda hoje válida para alguns defensores de «piedosas tradições», e não entremos na selva dos documentos apócrifos com que se enriqueceu a igreja de Santiago e o lendário compostelano⁽³³⁾.

IV

REFLEXOS EM PORTUGAL

Não deixaram as lendas apostólicas de ter a sua repercussão em Portugal; mas só em época bastante tardia, quando já se exercia a crítica noutros domínios, é que elas invadiram os livros litúrgicos.

O primeiro documento em que se brinda o nosso país com discípulos de S. Tiago é a Carta do Cruzado Inglês sobre a Conquista de Lisboa⁽³⁴⁾. Não se sabe ao certo a data da sua composição. Charles Wendell David supõe ter sido feita algum tempo depois dos acontecimentos, mas ainda no inverno de 1147-1148. Todavia, o autor revela um conhecimento do interior do

(32) *Historia Compostellana*, em *E. S.*, XX, 5-9.

(33) Ver a este propósito: Z. G. Villada, *Hist. Ecl. de Esp.*, III, pág. 205 e seg.

(34) *De Expugnatione Lixbonensi*, texto latino e versão inglesa de Charles Wendell David, New York, 1936; *Conquista de Lisboa aos Mouros*, texto lat. e versão portuguesa de José Augusto de Oliveira, 2.^a ed., Lisboa, 1936.

país que dificilmente poderia obter só por informação alheia, e a narrativa reflecte em certos pontos uma situação que só seria real alguns anos depois ⁽³⁵⁾.

Descrevendo a viagem do Porto para Lisboa, o Cruzado refere-se ao castelo chamado de Santa Maria, «em cujo território repousa o bem-aventurado Donato, discípulo do apóstolo Tiago» ⁽³⁶⁾. E, mais adiante, ao reproduzir a fala do Arcebispo de Braga aos chefes muçulmanos, atribui-lhe estas palavras: «Ocupais injustamente as nossas cidades e terras..., que antes de vós possuíam os cristãos, trazidos pacificamente à fé e tornados filhos de Deus pela pregação, sob o nosso apóstolo Tiago e seus

(35) Notem-se especialmente as referências aos limites dos bispados de Lisboa e Coimbra e à região de Alcobaca (pág. 57 da ed. port.), a divulgação das notícias por toda a Espanha e os termos assinalados ao bispado de Lisboa incluindo o castelo de Alcácer, só conquistado em 1158 (pág. 108-109).

(36) «*Est castrum quod dicitur Sancte Marie inter fluvium Doira et silvam que dicitur Medica in frigore, in cuius territorio requiescit beatus Donatus apostoli Jacobi discipulus. Et post silvam fluvius Vaga*».

A expressão «*medica in frigore*» chegou a considerar-se um enigma. Na primeira edição do seu trabalho, publicada em 1935, o Dr. J. Augusto de Oliveira perguntava que região seria essa «que ao tempo do autor era apenas uma selva extensa», e aventava que se tratasse da região de Lafões a cujas termas recorreu o próprio D. Afonso Henriques contra os males do seu reumatismo. Longe de esclarecer, mais parecia complicar o enigma uma nota truncada que se lê no original manuscrito, à margem de *medica in frigore*: «id est mei...». Crescia ainda o mistério com a menção de S. Donato. Procurando no *Agiolégio Lusitano* um santo desse nome, só se lhe deparou o lendário mártir que Jorge Cardoso atribui à «antiga cidade *Concordia*, que depois passou a chamar-se *Besulci*, e se chama agora *Beselga*».

Stubbs e Charles W. David experimentaram as mesmas dificuldades.

O conhecimento das antiguidades locais permitiu-nos resolver o problema. Dele nos ocupámos em dois artigos: um, publicado nas *Novidades* em 31 de Outubro de 1935 e ao qual o Dr. J. Augusto de Oliveira consagrou uma nota da segunda edição do seu trabalho; outro, incluído num estudo sobre a vila de Ovar, na revista «*Arquivo do Distrito de Aveiro*», vol. II (1936), pág. 26-27.

O bosque ou selva que o Cruzado apelida *medica in frigore* ficava, sem dúvida, na região de Albergaria-a-Velha, chamada em antigos documentos «*Albergarie veteris de Meignonrio*». Aí se situava a vila de *Osselo*, coutada pela rainha D. Teresa, no ano de 1117, a Gonçalo Eriz: os limites do couto são marcados «*cum terra Sancte Marie de una parte... et deinde de aliis partibus ad terminum de Vaga*». A região era silvestre, porquanto havia nela veados, corças, gamos e ursos. Pela mercê do couto, D. Gonçalo colaboraria com D. Teresa na fundação de uma albergaria: «*et pro unam albergariam quod inter me et te ponamus in loco isto...*» (J. P. Ribeiro, *Dissertações*, tomo I, doc. n.º 36; D. M. P. — *Régios*, I, n.º 49). O monte que domina o território é chamado Mesão Frio em outros documentos antigos. Já no ano de 981, Gonçalo Mendes doava ao mosteiro de Lervão uma propriedade «*in uilla uocitata palos secus ribulo uaga*» e assinalava um dos termos desta vila «*per montis meison frido*» (*Dipl. et Ch.*, n.º 132). Em 1121, Pedro Pais e Jelvira Nunes doaram a Lervão a sua vila de Pinheiro, «*in confinidade Castelli Marnelis, inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiom frio*» (*Elucidário*, v. Cidade III). Em 1182, Orraca Petri doava ao mosteiro de Grijó propriedades situadas entre Canelas e Fermelã, «*subtus monte mansione frigida nuncupato in litore maris oceani Vaga flumine discurrente*». No ano seguinte,

sequazes, Donato, Torcato, Secundo, Indalécio, Eufrásio, Tesifonte, Vítor, Paio e muitos outros varões apostólicos».

Quanto a S. Donato, deve tratar-se de qualquer santo local que na tradição só deixou o nome. Quanto aos dois últimos, é provável que estivessem no pensamento do Arcebispo ou do redactor da Carta o S. Vítor venerado em Braga e que, segundo a tradição, era simples catecúmeno, e o S. Paio que só foi martirizado em Córdova no ano de 925.

O que tudo isto mostra é a tendência existente no século XII para incluir na lista dos discípulos de S. Tiago os santos cuja verdadeira identidade se desconhecia. Quem sabe se já não seria assim composta a lista mais antiga?

No princípio do século XVI, surge inexplicavelmente a lenda de S. *Pedro de Rates*. Diz em resumo que um discípulo de S. Tiago, com o nome de Pedro, foi arcebispo de Braga e incorreu nas iras do rei que imperava na cidade, porque, tendo-lhe curado da lepra uma filha, a baptizou juntamente com a mãe. A fim de escapar à perseguição, encaminhou-se para Rates, mas foi preso por emissários régios que o martirizaram junto do altar-mor. Vivía então no alto de um monte, em frente do mar, um eremita

Afonso Petri fazia idêntica doação de propriedades do mesmo lugar, «subtus monte qui propter heremi magnitudinem vocatur mansio frigida, secus litus maris oceani et ostium, quo Vauga flumen intrat in mare» (*Tombo do Mosteiro de Grijó*, 3.º vol., fl. 1 e seg.). Com a expressão *medica in frigore* pretendeu o Cruzado verter para latim uma forma da língua vulgar, cujo significado não tinha a certeza de haver entendido; por isso, reproduziu esta forma em nota marginal, depois cortada pela encadernação do manuscrito e que pode completar-se deste modo: «id est mei[gonfrido]».

Vejamos agora o S. Donato. A única memória deste santo no território do Castro ou Castelo de Santa Maria (*cujus* refere-se evidentemente a *Castrum*) era uma ermida situada no termo da paróquia de Ovar e largamente documentada desde o princípio do século XII. Já então se devia ter obliterado na tradição local a verdadeira identidade do santo, mas talvez estivesse ainda viva a memória de lá haverem repousado os seus restos mortais. Há ainda em Ovar um lugar chamado de S. Donato, embora a capela tenha mudado de invocação: no século XVII tinha por padroeiro S. Goldrofe e hoje é dedicada a Nossa Senhora da Ajuda (Cf. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, lug. cit.; João Frederico Teixeira de Pinho, *Memórias e Datas para a História de Vila de Ovar*, pág. 125).

O Padre Pierre David ocupou-se de vários pormenores da narrativa do Cruzado, incluindo o da interpretação de *medica in frigore*, em artigo publicado no «*Bulletin des Etudes Portugaises*», tomo XI (1947), pág. 241-254, em que já tomou em conta os elementos que fomos o primeiro a apresentar. A respeito de S. Donato escreve: «Esta personagem não pode identificar-se com nenhum dos mártires conhecidos pelas fontes hagiográficas autorizadas; trata-se de um santo honrado com culto local, mas cuja história não chegou até nós e era já ignorada no século XII» (Cf. *Etudes Historiques*, do mesmo Autor, pág. 222-223).

chamado Félix que, advertido por luzes celestes e vozes angélicas, desceu a Rates e deu ao corpo do santo piedosa sepultura.

Este relato apareceu pela primeira vez no Breviário bracarense impresso em 1511 por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa, sem se abonar com qualquer tradição anterior, mas apenas com a vaga alegação de «testemunhas idóneas!»⁽³⁷⁾

Conta Mons. J. Augusto Ferreira que na igreja de Rates «estavam depositados os restos mortais dum personagem desconhecido, ao qual adaptaram a lenda de S. Pedro de Rates»⁽³⁸⁾. Indo em visita a essa freguesia, o arcebispo D. Fr. Baltasar Limpo lembrou-se de trasladar as relíquias para a Sé Primacial, pois a crença de que elas pertenciam ao fundador da Igreja bracarense, além de radicada no clero e no povo, estava já autorizada em três edições do Breviário. Fez-se a trasladação em 17 de Outubro de 1552, como consta do letreiro gravado no sepulcro de pedra onde foram recolhidas. Este sepulcro encontra-se revestido de um cofre de madeira, em cuja frente se lê:

BEATI
PETRI DE RATES
CORPVS

Em tão boa hora foi admitido o suposto bispo e mártir no Santoral bracarense, que conseguiu sobreviver, com outros apócrifos, à última reforma do Breviário da Arquidiocese (1920), graças à tradição de um culto, agora secular⁽³⁹⁾.

(37) «*Ista quae scripsimus, idoneis testibus esse vera cognovimus*» — Lições históricas de S. Pedro de Rates, em *Estudos Histórico-Litúrgicos* de Mons. J. A. Ferreira, pág. 295 e seg. O Breviário impresso por ordem de D. Diogo de Sousa em 1549 já apresenta uma nova redacção desta lenda (lições publicadas na E. S., III, apênd. VII).

(38) O Dr. Avelino de Jesus da Costa informa que as relíquias estavam num «túmulo de forma antropomórfica sem qualquer inscrição ou ornato», medindo apenas 1^m,27 no exterior e 0,82 no interior; «trata-se, portanto, dum humilde túmulo de criança» (*A Ordem de Cluny em Portugal* (Braga, 1948), pág. 20).

(39) Mons. J. A. Ferreira: *Origens do Cristianismo na Península Hispânica — A vila de Rates, sua igreja e seu mosteiro* (Vila do Conde, s. d.), pág. 49-63; *Estudos Histórico-Litúrgicos* (Coimbra, 1924), pág. 295 e 313; *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo I (1928), pág. 13, e II (1931), pág. 464. Cf. Avelino de Jesus da Costa, *S. Pedro de Rates — Um problema histórico-litúrgico*, em «Diário do Minho», 25 e 26 de Abril de 1948.

Com o aparecimento dos falsos Cronicões, forjados no fim do século XVI, a lenda do primeiro bispo bracarense, não só foi roborada, mas pôde desenvolver-se em outras ainda mais extravagantes. Ficou então a saber-se que Pedro de Rates era um antigo profeta hebraico, filho do profeta Urias, vindo com doze tribos que Nabucodonosor mandou de Jerusalém para a Hispânia. Morreu ele passados vinte anos, mas S. Tiago ressuscitou-o e ensinou-lhe o Evangelho, bem como a celebração da Missa e a administração dos Sacramentos, para o fazer bispo de Braga. Assim constava dos fragmentos da obra de um suposto Santo Atanásio, primeiro bispo de Saragoça, que como seu condiscípulo até aduzia um testemunho pessoal: *Ego novi Sanctum Petrum primum Bracharensem Episcopum...* ⁽⁴⁰⁾

É claro que Pedro de Rates tratou de fundar outras dioceses e provê-las de bispos. Uma delas foi a do Porto, na qual colocou S. Basileu, também seu condiscípulo, que depois lhe sucedeu em Braga. E quem era este Basileu ou Basílio? Explica-o a suposta obra de um Juliano, arcepreste de Toledo. Tratava-se precisamente daquele coxo que Pedro e João encontraram a pedir esmola à porta especiosa do templo de Jerusalém, como se lê nos *Actos dos Apóstolos* (cap. III). Curado da enfermidade, recebeu ele o baptismo e resolveu acompanhar Tiago na viagem à Hispânia, porque era natural da Península, de onde os pais o tinham levado em novo para a Palestina ⁽⁴¹⁾.

Por mais fantástico que tudo isto se afigure, o certo é que foi acreditado por bons autores e chegou a criar uma tradição local e a passar aos livros litúrgicos. No Porto, atribuiu-se o estabelecimento da primeira sé por S. Basileu à igreja de S. Pedro de Miragaia. Lá se ergueu no altar-mor a imagem do fabuloso bispo, e na porta lateral do templo ainda se lê a seguinte inscrição gravada no século XVII:

PRIMA CATHEDRALIS FUIT HAEC BASILÆUS AB AEGRIS
QUAM PEDIBUS SANUS CONDIDIT INDE PETRO

Na edição do *Flos Sanctorum*, de Fr. Diogo do Rosário, impressa em Lisboa em 1741, estranhava-se que S. Basileu an-

(40) D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo dos Bispos do Porto* (2.^a ed., 1742), I, 13.

(41) Id., I, 24-25.

dasse esquecido no Porto, tendo ofício no Breviário de Braga ⁽⁴²⁾. Acabou a diocese por dar satisfação aos devotos, admitindo-o em 1816 no seu calendário, onde ainda se conserva a 23 de Maio, embora sem as chamadas lições históricas.

Deixando de parte outras lendas episcopais, por não se ligarem imediatamente aos Apóstolos ou não terem expressão na Liturgia, vejamos enfim o caso de S. Manços, venerado em Évora a 15 de Maio (outrora a 21) como seu primeiro bispo.

Tal como a de S. Pedro de Rates, a lenda de S. Manços ou Mâncio é anterior à divulgação dos falsos Cronicões. Andá conta em dois textos bastante diversos: a «Passio», publicada nos *Acta Sanctorum* dos Bolandistas e na *España Sagrada* de Florez, e as Lições do *Breviarium Eborense*, de André de Resende ⁽⁴³⁾.

Segundo a primeira, Mâncio era romano e estava ao serviço de uns Judeus que o trouxeram para uma herdade, depois chamada Miliana, que possuíam no território de Évora. Fidelíssimo cristão, comungava diariamente e resistia a todas as instâncias para passar à superstição judaica, afirmando detestar os falsos deuses e proclamando a sua fé na Santíssima Trindade. Os amos começaram por isso a maltratá-lo, carregaram-no de cadeias e obrigaram-no a duríssimos trabalhos no campo, desde o nascer até o pôr do sol. Como nesses tormentos lhe sobreviesse a morte, arrastaram o cadáver para outro campo, à beira dum caminho, e lá o abandonaram com um pouco de terra por cima. Volvidos alguns anos, entrou aquele território no poder dos cristãos e aconteceu passar perto dali um nobre chefe de família a quem o Santo apareceu em sonhos e revelou o seu nome e contou todos os pormenores do martírio. Tratou o homem de procurar o corpo e recolheu-o num sepulcro de pedra com tampo de cristal, sobre o qual erigiu um pequenino templo. Crescendo a fama e os milagres do mártir, vieram a dedicar-lhe uma basílica sumptuosíssima, com mármore, mosaicos e adornos de metais e pedras pre-

(42) «Não sabemos qual he a razão porque o Porto não faça o mesmo a este seu primeiro Bispo, e Apostolo, tão benemerito de todos os cultos, e estimaçoens, e só apenas sabemos, que tem huma formosa imagem de vulto na Igreja de S. Pedro de Mira-Gaya, principal parte daquella Cidade, a qual he tradição, que elle mesmo edificou» (tomo I, pág. 960).

(43) E. S., XIV, 122-127; no apêndice IV (pág. 386-394), a *Passio*, as lições de André de Resende e as do Breviário de 1702. O texto da primeira encontra-se num Legendário do séc. X, na Biblioteca Nacional de Madrid (ms. 822, fol. 38 a).

ciosas. Em redor, erigiram muros e torres, que de longe davam a ideia de uma cidade, e cercaram tudo de arvoredos e jardins, regados pela água de copiosas fontes.

Supondo que nestas Actas havia algum fundo de verdade, Papebróquio referiu o martírio de S. Manços aos séculos V ou VI, visto que nos anteriores não há notícia de violências dos judeus peninsulares contra os cristãos. Henrique Flórez entendia que elas são «en estylo del tiempo de los Godos». Em todo o caso, ambos notavam que nelas se não trata de bispo ou sacerdote, mas de um servo leigo.

A análise literária do texto mostra que não passa de composição inteiramente factícia, destinada a combater o que chama a «perfidia judaica». Abundam as inverosimilhanças, as imprecisões e contradições, de par com ressaibos de cultura clássica. Diz-se que Manços comungava todos os dias, apesar de viver em território que só mais tarde foi de cristãos. Descrevem-se minuciosamente os ornatos da basílica que lhe foi dedicada, e omitem-se todas as indicações objectivas de tempo e lugar. O aparecimento do santo em sonhos a contar o martírio e a pedir sepultura em sagrado é expediente hagiográfico vulgar em muitas outras lendas.

André de Resende, talvez por notar a incongruência de se fazer do santo um servo de judeus e se lhe atribuir uma apóstrofe contra os «falsos deuses», como se os judeus fossem pagãos e ídólatras, preferiu pô-lo em conflito com os gentios da região ebo-rense a que presidia o governador Valídio. Segundo a sua versão, Manços era romano, mas tinha ido para a Judeia e fez-se discípulo de Cristo ao presenciar a sua entrada triunfal em Jerusalém. Esteve na Última Ceia e serviu de ministro ao Senhor quando ele lavou os pés aos discípulos. Depois de acompanhar todos os outros acontecimentos, recebeu com os Apóstolos o Espírito Santo e foi por eles destinado à pregação do Evangelho. Alongando os seus passos até os confins da Hispânia, chegou ao município de Évora e evangelizou com êxito a cidade e o seu território, até que na povoação chamada *Castra Malliana* se lhe depa-rou a «cegueira dos gentios» que o levou ao martírio⁽⁴⁴⁾.

(44) Sobre o trabalho de André de Resende v.: Baudoin de Gaiffier, *Le bréviaire d'Évora de 1548 et l'hagiographie ibérique*, em «Analecta Bollandiana», tom. LX (1942), pág. 131-139.

Esta lição de Mestre André de Resende foi depois um pouco retocada. Na edição de 1702, ficou na forma que ainda conserva no Próprio Eborense e em que se atribui a S. Manços a categoria de primeiro bispo da diocese: *bonus ac primus hujus diocesis Pontifex* ⁽⁴⁵⁾.

Seria honrar excessivamente a lenda admitir que, em qualquer das versões, se conserve um resíduo de verdade histórica.

P. MIGUEL DE OLIVEIRA

(45) A história do culto de S. Manços envolve problemas de difícil solução; v.: C. da Silva Tarouca, S. Manços, primeiro Bispo de Évora², em «Brotéria», vol. XLII, fasc. 5 (Maio 1946), pág. 521-529.